

A SUPPLICA DA LÓLÓ

O dia estava lindo. O sol alegrava com os seus raios de ouro as ruas da cidade. A Lóló, que em toda a semana não saíra, por causa da chuva, logo de manhã foi pedir ao avô que a levasse a passear. O avô, que se babava pela neta, não pôde resistir ao pedido.

Depois de almoço, a pequenita Carlota, ou Lóló, que era como em casa lhe chamavam, pediu á mamã que a vestisse, e sahio muito contente pela mão do avôsinho.

Desceram a Avenida, entraram no Passeio, e foram ambos fazer uma visita aos cysnes do lago, para os quaes a Lóló trouxera umas bolachinhas, restos do almoço. As graciosas aves, gratas á lembrança da pequenita, vieram logo comprimental-a, rasgando a agua com grande ligeireza e alçando imponentes o seu alvo pescoço.

A Lóló era mesmo doidinha pelos cysnes. Quando os via aproximar com o seu ar magestoso, toda ella era alegria, não cabia em si de contente. A louquinha chegava a ponto de conversar com elles como se fossem pessoas da familia.

— Ora vivam, senhores patinhos, passaram bem? — disse-lhes ella. — Ha muitos dias que não venho vel-os. Tem chovido tanto! Aposto que já tinham saudades minhas?

E os cysnes estendiam o pescoço, na esperança, de certo, de que lhes dessem alguma coisa.

— Ah! querem dar-me um beijinho? — continuava a Lóló — lá isso é que não; podem fazer-me mal com o bico. Ora digam-me: já almoçaram? Trago-lhes aqui um petisquinho. Eu bem sei que gostam!

A Carlottinha tirou da algibeira duas bolachas e começou a deitar bocadinhos na agua. Os cys-

nes estendiam logo os pescoços, muito gulosos, e abicavam sofregamente os pedacitos de bolacha.

O avô, sentado n'um banco proximo, ria á sucapa da tagarellice da neta.

— Coitadinhos! que fome que têm! — exclamava a Lóló. — Talvez não comessem nada desde a ultima vez que eu cá vim! Tomem lá mais.

E assim, aos bocadinhos, as bolachas passavam da algibeira da Carlottinha para as guellas dos formosos patos.

— Acabou-se, não ha mais — disse no fim a Lóló.

— Agora esperem para a outra vez.

E afastou-se do lago, onde já não tinha que fazer.

O avô levantou-se e foi seguindo a neta, que corria e saltava com o entusiasmo proprio da sua idade.

Quando chegaram ao largo do Passeio, que em breve ficará sendo a praça dos Restauradores, por causa do monumento que se está allí concluindo em memoria da gloriosa revolução de 1640, que nos livrou do jugo hespanhol — a Lóló parou e pôz se a olhar para os cartazes com figuras de palhaços que se vêem á entrada do *Coliseu dos Recreios*.

— Se o avôsinho me levasse a

ver os palhaços... — disse a pequenita com voz carinhosa.

— Elles agora não estão lá, filha.

— Então onde estão?

— Nas suas casas.

— Então a casa d'elles não é o Circo?

— O Circo é a sua loja, a sua officina, a sua fabrica, é o seu ganha-pão, o lugar onde trabalham.

— Eu cuidava que os palhaços não trabalhavam; estão sempre a brincar...

— O que tu chamas brincar, é trabalho, e ás vezes bem penoso e triste.

— Triste?! ó avôsinho, então os palhaços



A Carlottinha estava de joelhos, com as mãos postas...

estão tristes alguma vez, elles que são tão alegres?

— Feliz edade a tua, minha querida Lólo, que desconhece ainda o que é o mundo! — murmurou em tom sentencioso o avô.

Mas a netinha não lhe replicou, nem quiz saber o que era o mundo, porque n'este momento haviam chegado ao largo do Camões, e correu logo a vêr os mostradores da livraria que faz esquina para o Rocio, onde não faltavam objectos que a seduzissem. Havia alli coisas de muito gosto, francezas, allemãs, completas novidades; mas a Lólo despresava tudo isso, porque só tinha olhos para admirar uma grande boneca, vestida de setim granada, com rendas lindissimas, chapeu da ultima moda, e que, no centro do mostrador, dominava tudo com a sua elegancia de rainha.

— Ai que linda boneca! — exclamou a Carlotinha deslumbrada. — Quem m'a dera! Não é tão bonita, avôsinho?

— É bonita, é.

— Parece mesmo que está viva! E que vestido tão catita! Deve ser muito cara...

A Lólo não se atrevia a pedir ao avô que lhe comprasse a formosa boneca, porque lhe tinham dito uma vez que era muito feio ser impertinente com pedidos; mas nos seus elogios, nos olhares cubiçosos, nas palavras que proferia, bem denunciava o immenso desejo de possuir a gentil boneca.

— Hei de juntar dinheiro para a comprar... — acrescentou a pequenita, nutrindo ainda a esperanza de que o avôsinho lhe fizesse a vontade.

— Vamos lá, filha; agora demos volta pelo Chiado — disse o avô.

A Lólo afastou-se do mostrador com bastante custo, soltando um suspiro e dizendo adeus com a mão á tentadora boneca.

Quando ia já no Rocio, murmurou:

— Havia de chamar-lhe Emilia...

— Que dizes?

— Nada, avôsinho.

A pobre creança não podia esquecer-se da boneca.

O avô apontava-lhe no Chiado para os elegantes mostradores bem sortidos; mas a Lólo não fazia caso, não reparava em nada, mostrando-se muito triste.

Ao chegar a casa, a sua mamã beijou-a e perguntou-lhe:

— Então, gostaste do passeio?

— Gostei — respondeu com um suspiro.

Ao jantar comeu pouco. Perguntavam-lhe o que tinha, se sentia alguma dôr; que não tinha nada, que estava triste sem saber porquê.

Os paes e o avô, que morriam pela pequenita, estavam deveras preocupados; mas de tarde tiveram a explicação do caso. Vendo que a Lólo entrara para a casa do oratorio, foram espreital-a, e eis o que viram: A Carlotinha estava de joelhos, com as mãos postas, e fitando a imagem da Senhora da Conceição, murmurava:

«Vou pedir-te um favor, Mãe do Céu. Tu és

muito amiga de quem é pequenino; eu tambem sou muito tua amiguinha. Dá-me a boneca que eu vi hoje! Prometto ser muito boa menina; não fazer maldades; seguir os conselhos da mamã, do papá e do avôsinho! Dá-me a boneca, minha Madrinha! Se não fosse tão cara, pedia á mamã para a comprar... Confio em ti, Mãe de Deus!»

Adoravel Lólo!

Os paes e o avô ficaram sabendo o que entristecia a pequenita, e parece que Nossa Senhora ouviu a sua infantil supplica, porque, quando á noite foi deitar-se, encontrou dentro da cama, com risco de amarrotar o lindo vestido de setim escarlate e o gracioso chapéu de plumas, a famosa boneca que tanto desejava possuir.

MATTOS MOREIRA.

QUADROS DA HISTORIA NACIONAL

OS MARTYRES CHRISTÃOS

Foi no tempo do segundo imperador romano Tiberio, que se fundou a santa religião do christianismo. Foi no tempo de um dos mais cruéis e mais devassos imperadores que mancham a historia romana que surgiu no Oriente o vulto de Jesus, todo brandura e pureza. Rapidamente se espalhou por todo o mundo romano a nova fé, e logo encontrou hostis os imperadores e os nobres, não porque elles tivessem empenho em manter a religião pagã, já então profundamente desconceituada pelos philosophos, mas porque as doutrinas que os christãos advogavam eram a condemnação do imperio com os seus vicios hediondos, da sociedade romana com a sua organização funesta, em que figurava como um dos seus elementos essenciaes a escravidão odiosa.

Na Hespanha penetrou como em todas as provincias do imperio romano a nova fé, aqui teve desde muito cedo defensores e apóstolos. Pondo de parte as lendas que se referem a S. Thiago, é certo que já no reinado de Nero havia christãos na Lusitania, pois que uma inscripção o applaude por ter expurgado as provincias *d'aquelles que tentavam induzir o genero humano á nova superstição*. Effectivamente nos territorios de Portugal e da Hespanha, onde havia de lancar raizes tão profundas depois o fanatismo catholico, estava então radicado tambem o fanatismo pagão, e explica-se este facto por se terem estabelecido em Hespanha um grande numero de membros da aristocracia romana, que eram os que mais se empenhavam em extirpar a nova fé.

Depois da perseguição de Nero, veiu a de Diocleciano, e essa foi terrivel em Hespanha, a ponto que julgaram os tyrannos que tinham aniquilado para sempre os christãos. Ignoravam que o sangue é a seiva generosa da arvore da idéa, e que é o martyrio o estimulo que mais

contribue para o desenvolvimento das religiões. Como as roseiras da lenda que

Cortadas e recortadas
Tornavam a rebentar

a planta do christianismo, quanto mais a decepavam, mais vigorosamente refloria.

N'estas duas perseguições figuravam, segundo a tradição christã, como victimas, muitos filhos da Lusitania. Uma outra inscripção, toda em louvor dos tres cesares, Diocleciano, Galerio e Constancio, que então governavam o mundo, e allusiva a um templo erigido nas margens do Douro, exalta os cesares por terem extirpado a *nova superstição*, e mostra assim a um tempo que, se havia na Lusitania o fanatismo dos perseguidores, havia tambem a santa exaltação do martyrio.

As perseguições de Nero, ligam-se as lendas de S. Pedro de Rates, de S. Sylvestre, de S. Torquato, S. Victor, S. Cucufate e S.^{ta} Susana, martyres bracharenses.

Liga-se com a perseguição de Domiciano, quasi no fim do seculo 1, o martyrio de S. Julião, de S. Dativo e S. Vicencio.

As perseguições mais brandas dos imperadores que governaram o mundo até Diocleciano se ligam as lendas de outros santos menos conhecidos, mas na terrivel perseguição d'este ultimo cesar apparecem os martyres mais celebres da Lusitania. Foi no principio do seculo iv que houve a implacavel perseguição, que, além de ser causa de um grande numero de martyrios, o foi tambem de não pequeno numero de apostasias. Por isso os perseguidores imaginaram que tinham conseguido pelo terror o seu fim. Entre os que se mantiveram fieis ao christianismo conta-se a famosa Santa Engracia, filha de Braga, com os seus dezoito companheiros: S. Cassiano, S. Ceciliano, S.^{to} Evento, S. Fronto, S. Januario, S. Luperco, S. Marcial, S.^{to} Optato, S. Primitivo, S. Quintiliano, S.^{to} Urbano e outros, S.^{ta} Aquilã, martyrisada juntamente com S. Domicio e S.^{to} Eparchio, S.^{ta} Antonina, S. Brissos, S.^{ta} Comba e Anonymata, S. Jordão e S. Silvano. Não fallamos já em outros santos, tambem conhecidos e venerados nas nossas igrejas portuguezas, mas que foram victimas de perseguições menos celebres, como S. Verissimo, S. Maximo, e S.^{ta} Julia, oragos da igreja de Santos em Lisboa, victimas da perseguição de Daciano, e S.^{to} Quiterio, e muitos outros emfim, que os agiologios nacionaes piedosamente recordam, cuja historia pode ter sido, e foi de certo, desfigurada na sua transmissão atravez dos seculos, como aconteceu com o caso das filhas de Attilio Regulo, mas que em todo o caso attestam o que as inscripções pagãs já de si testemunhavam, que n'este canto occidental da península hispanica lavrou desde muito cedo o fogo ardente da fé christã, e que os nossos antepassados deram a vida intrepidamente pela propagação da idéa nova, como a deram depois nos sertões africanos, e nos patibulos cruéis, manda-

dos erigr pelos despotas orientaes, pela cruz de Christo, que era não só o symbolo de uma religião sagrada, mas tambem da nova civilização.

PINHEIRO CHAGAS.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO XV

AS QUATRO ESTAÇÕES

O avô sorrija ao ouvir a expressão entusiasta da netinha.

— Pois bem, — disse elle — escuta com os teus dois ouvidos, e, principalmente, olha com attenção. Vês n'este desenho o lugar onde escrevi a palavra Inverno? Supponhamos que a Terra está aqui.

— É d'ahi que ella parte? — perguntou Susana.

— Não. Deves comprehender que, não parando a Terra sequer um momento na sua viagem, não ha para ella estação de partida, nem de chegada. Por consequencia, não parte d'aqui nem d'alli. Mas os homens precisavam de encontrar um meio para poderem indicar e dividir o tempo, por outra, precisavam d'um calendario; e por isso concordaram em que o tempo empregado pela Terra em dar uma volta á roda do Sol se chamaria um anno, e que o anno começaria no momento em que a Terra está mais proxima do Sol, porque, como vês n'este desenho, o circulo que ella percorre não é perfeito, e de passagem te digo que a esse circulo imperfeito se chama uma ellipse.

— Sim, sim, — disse a pequenita, olhando attentamente para o desenho. — Mas então, quando a Terra está mais proxima do Sol é que devia ser maior o calor!

— A tua reflexão é muito acertada, e estimo que a faças. Entretanto, para que percebas bem o que te digo, convem que não percas de vista o quadradinho preto que tracei no desenho e na casca da laranja. Esse quadradinho indica o ponto que Paris occupa na Terra. Ora vejamos o que se passa em Paris, isto é, onde nós estamos. Quando reina o inverno na grande cidade, está a Terra mais proxima do Sol do que no verão. Está mais proxima, é verdade, mas não frente a frente, e por isso os raios solares tocam-lhe de lado, ao escapar, e apenas durante algumas horas, o que dá em resultado serem os dias muito pequenos e as noites muito grandes.

E para tornar a explicação mais clara, o complacente avô pôz a laranja diante do globo do candieiro, na posição similhante que tinha a Terra no desenho que fizera; em seguida, fez notar á Susaninha que o quadrado preto, representando Paris, era frouxamente tocado pela luz.

— Percebeste? — perguntou elle.

A verdade é que a pequenita não se mostrava convencida. Franzia a testa como quem medita profundamente, mas não percebia ainda o motivo porque se sentia mais frio quando se estava a menor distancia do Sol.

— Demonio, demonio! — exclamou o avôsinho, um tanto desapontado ao ver a cara significativa de Susana. — Que hei de eu fazer para que me percebas?

E, bastante embaraçado, olhou para todos os lados da sala, como quem procura.

No fogão ardia um bom lume.

Ao lado do fogão estava ainda a poltrona onde o sr. de Beaucourt estivera dormitando.

— Achei! — murmurou elle, sorrindo satisfeito.

A Susaninha olhou para o avô.

O ancião levantou-se e foi sentar-se tranquillamente na poltrona.



— Então deixas-me, avôsinho?... — perguntou Susana muito admirada.

— Não; e agora é que tu vaes perceber tudo.

O sr. de Beaucourt estava sentado á direita do fogão, pouco afastado do lume. Naquelle posição, os raios da chamma chegavam-lhe obliquamente, reflectindo-se-lhe ao de leve no fato.

— Vês? — disse elle — poderia conservar-me aqui por muito tempo, porque mal me chega o calor do lume, apesar de eu estar tão proximo.

— Estás no inverno? — observou a Susaninha, hesitando um pouco.

— É isso mesmo! — exclamou o avô. — Vejo que percebas a minha idéa. Estou no inverno, como tu dizes; vê lá agora onde estou.

E o sr. de Beaucourt afastou a poltrona do fogão, voltando-se um pouco para o lume. D'este modo recebia o calor a tres quartos e mais directamente.

— N'este sitio sinto mais calor — declarou elle, olhando para a netinha.

— É a primavera? — acudiu ella.

— Justamente, é a primavera!

E continuando a afastar a poltrona, descre-

vendo um semi-circulo á volta do fogão, parou quando estava mesmo defronte da chamma.

— Co'a bréca! — exclamou o ancião — aqui é que faz calor deveras!

— Pudera! — observou a Susaninha — estás no verão!

— Muito bem, minha filha! Apesar da minha demonstração não poder ser perfeita, sempre consegui fazer-te comprehender que se sente mais calor longe do fogo, mas bem defronte d'elle, do que estando muito perto, mas de lado.

— Sim, senhor, agora entendo.

— Então já não te admiras de que se sinta mais frio em Paris justamente na epocha em que elle está mais proximo do fogo, isto é, do Sol?

— Não, avôsinho.

Então o sr. de Beaucourt tornou a pegar na laranja e pôl-a diante do globo do candieiro. A Susaninha olhou para o quadradinho preto que representava Paris, e d'esta vez comprehendeu. Mas notando que só metade da laranja recebia de chapa os raios da luz, observou, apontando com o dedo:

— Mas do outro lado da terra é verão em quanto d'aqui é inverno?

— Effectivamente; mas a seu tempo será o contrario, isto é, quando na metade da Terra em que nós habitamos for verão, na outra metade será inverno.

— D'esse modo, se a Terra não andasse á roda, n'uma das suas metades seria sempre inverno, e na outra verão.

— O que constituiria uma grave injustiça — disse sorrindo o bondoso avô.

A Susaninha pôz-se a olhar para o desenho e observou:

— Ora então, Paris, levado pela Terra, está aqui no mez de janeiro, e depois vae-se embora. Cá está elle em fevereiro, em março, e em abril, em toda a primavera; e vae sempre figurando em todos os mezes, até voltar ao janeiro. Agora já percebo porque o dia de anno bom é sempre no mesmo dia.

— E durante essa immensa viagem que a Terra faz em roda do Sol, dá 365 voltas sobre si mesma; e é por esse motivo que dividiram o anno em 365 dias. Não digo bem: 365 dias e mais a quarta parte de um dia. Por isso, para arredondar a conta, em cada quatro annos acrescenta-se mais um dia a esse anno, que fica então com 366. Chama-se-lhe anno bissexto.

— Bissexto! — repetiu a pequenita. — Que nome tão exquisito!

— É exquisito, é — concordou rindo o avô — É uma palavra que vem do latim, o que não a faz ser mais bonita!

CAPITULO XVI

UM MILHÃO PARA OS HABITANTES DA LUA

— Dizia's tu, avôsinho, — observou Susana — que a Terra faz uma enorme viagem á roda do Sol; então quantas leguas anda ella durante o anno?

— Dize antes quantos milhões de leguas! — emendou sorrindo o sr. de Beaucourt. — A Terra percorre durante o anno 235 milhões de leguas no seu giro.

— É preciso andar depressa e não perder tempo. Safa!

— De certo; o seu giro, em cada dia, é de mais de 640:000 leguas. N'um segundo engole ella sete leguas.

A Susaninha estava de bocca aberta. O que lhe dizia o avô parecia-lhe um conto de fadas.

— Mas então — perguntou ella pensativa — a Terra anda mais depressa que o caminho de ferro?

— Corre com uma velocidade mil e trezentas vezes superior á d'uma locomotiva com toda a força de vapor!

— Como a bala d'uma peça de artilheria?

— Ainda setenta e cinco vezes mais rapida; e a bala chega um momento em que pára, em quanto que a Terra anda sempre!

(Continúa).

OS DIABOS FINGIDOS

Entre as muitas superstições do interior africano, ha uma de veras engraçada, e que vou contar aos meus leitoresinhos. Acreditam os pretos que o demonio anda mettido pelo matto, sempre á espreita de lhes fazer alguma das suas. Para afugentar o *porco sujo* têm elles como infallivel a simples presença de um *diabo fingido*.



Este que a nossa gravura representa, vem vestido com uma rede, de manufactura indigena, que lhe cobre todo o corpo. Na cabeça traz uma especie de mascara de pau, recortada e pintada, sendo a parte da frente de pelles de truta. N'uma das mãos traz o figurão uma bengala, e na outra um chocalho, que agita constantemente.

Cada districto tem o seu *diabo fingido*, e é só em determinada porção da floresta que elles

exercem o seu poder, de que são muito ciosos, não permitindo que nenhum collega ponha la os pés.

Os fatos são diferentes, e cada qual mais extravagante.



OUTRO DIABO FINGIDO

Que lindo é este! Ai! quem te dera uma boa coca de pau!

Os negros tratam com as maiores attentções estes espertalhões, dando-lhes muitos presentes e permitindo-lhes viver á barba longa.

O negocio é tão bom que não faltam *diabos*. Ah! têm outros.



MAIS DIABOS FINGIDOS

O que admira é que os negros não se enganem, tomando por verdadeiros aquelles feios diabos, pois não é verdade?

A DESOBEDIENCIA

Numa sala ricamente mobilada, junto d'uma mesa cheia de livros, estavam duas creanças, inclinando ambas as suas loiras cabeças para um papel escripto. As duas creanças eram Carlos e Alfredo, filhos do visconde de... O pae, um pouco distante e reclinado n'um sophá, observava-os com ar severo quando elles lhe lançavam a furto um olhar de medo; mas logo que as pequeninas cabeças se inclinavam de novo, o visconde contemplava-os então com esse olhar que só os paes sabem ter: todo meiguice e solididade.

Numa outra mesa viam-se diferentes brinquedos: um navio, um carro, um tambor, e mil outros objectos que encantariam o meu leitorinho, se podesse servir-se d'elles.

Deviam ser bem felizes os dois irmãosinhos, tendo á sua disposição tantos bonitos!

Carlos e Alfredo mostravam-se desesperados; escreviam, rasgavam o papel e desceçavam; mas, de vez em quando, esquecendo-se do seu trabalho, lançavam para os seductores brinquedos olhares de cobiça. Então, conversavam em voz baixa:

Alfredo — Eu quero o tambor, Carlos. Bem sabes que serei militar, e como tu desejas ser official de marinha, compete-te o navio.

Carlos — Já tinha pensado em pedir o navio ao papá, mas agora toda a minha ambição é aquelle carro, para brincar na quinta.

Alfredo — Não falles na quinta. Quem sabe quando teremos licença para lá voltar. A nossa desobediencia fez zangar o papá, a ponto de não querer dar-nos aquelles bonitos, que mandara vir para nós, e de obrigar-nos a passar aqui as horas do recreio.

Carlos — Não mereciamos tamanho castigo.

Alfredo — Tratemos de nos livrar d'ellé quanto antes, para merecermos o perdão do papá, e alcançarmos os bonitos.

Carlos — A minha vontade era rasgar este maldito papel, e deitar a fugir, ou então chorar a bom chorar até que o papá tivesse pena de mim e me deixasse ir brincar. Que dizes? não seria um bello meio para nos livrarmos d'esta massada?

Alfredo — Só pensas em maldades, Carlos. Que diria o papá, e o que seria preciso fazer depois, para ficar bem connosco? Por seguir os teus conselhos é que eu cahí no seu desagrado; mas deixal-o; o que eu não queria é que tu fosses castigado e eu não. Animo, Carlos; vamos a ver se damos com a resolução d'estes problemas, que são o nosso tormento.

Terminou assim a conversa, e os dois pequenitos principiam a trabalhar. Emquanto elles procuram resolver os problemas, digamos nós o motivo por que assim estavam sendo castigadas aquellas encantadoras creanças, que seu pae parecia adorar.

Era de inverno; um frio rigoroso e abundante neve tornavam quasi impossivel permittir ás

creanças, que passassem na quinta as horas do recreio. O visconde prohibira aos filhos sahirem do palacio. Os pequenos, costumados a gosar o prazer de correr pela quinta, ouviram com desagrado a ordem do pae. Alfredo submetteu-se, ainda que com bastante magoa; mas o Carlitos, em vez de ser uma creança obediente, pensou logo em escapullir-se de casa. Alfredo procurou dissuadi-lo, fazendo a justa observação de que é muito feio desobedecer, e desde logo se manifestou contra a revolta do irmão as ordens paternas; mas Carlos, que tinha um caracter violento, não o quiz escutar. Sabendo que o pae estava almoçando, Carlos evadiu-se do palacio, arrastando o irmão que, apesar de conhecer que praticavam uma acção feia, não teve forças para resistir aos pedidos do Carlitos, que muito estimava e que era o mais velho.

Ao verem-se na quinta, e tendo a certeza de que o pae estava seguro por algum tempo, Carlos e Alfredo pareciam dois insensatos, querendo fazer ao mesmo tempo mil brincadeiras. Corriam, subiam ás arvores, saltavam, uns d'ellos! Alfredo, seguindo as suas inclinações militares, fingia ser um general commandando um grande exercito em occasião de combate. O inimigo era representado pelo irmão, que manobrava com uns poucos de cestos formados em linha. Outras vezes, Carlos simulava dar as vozes de commando á tripulação d'um navio, que era figurado por uma arvore, junto da qual o Alfredo fingia ser o homem do leme.

Na voz energica e imperiosa de Carlos, notava-se já a violencia do seu caracter arrebatado. Em Alfredo conhecia-se uma vontade energica sim, mas sem arrebatamentos.

Volveu-se nos seus brinquedos, desprezando agora o que ha pouco muito os encantara, os dois irmãos pensavam em descobrir novo divertimento, quando de repente, olhando para o lado do tanque, exclamaram:

— Que bella coisa! Vamos a ver se o gelo póde connosco!

O tanque estava gelado havia muitos dias, mas elles nunca tinham pensado n'aquella brincadeira. Alfredo, revelando sempre prudencia, observou ao aproximarem-se do tanque:

— Vê lá, Carlos, se o gelo quebra, e vamos para o fundo, sem nos podermos salvar.

Carlos — Sempre és muito medroso! Parece uma menina. Hei de pedir ao papá que te compere uma boneca. Olhem que futuro militar!

Alfredo — Diz o papá que ser prudente não é ser medroso.

Quando acabou de fallar já o Carlos estava na borda do tanque, aventurando-se em seguida, a correr sobre o gelo. Momentos depois o gelo, que tinha pouca espessura, quebrou-se e o pequenito teimoso desapareceu debaixo d'elle. Alfredo, muito afflicto, quer acudir ao irmão; sobe para a borda do tanque, mas escorregam-lhe os pés, e submerge-se tambem!

O jardineiro trabalhava alli perto, e sentindo barulho e não vendo as creanças, correu para o tanque, reconhecendo pela agitação da agua e

pelo gelo quebrado, que acontecera uma desgraça. Immediatamente quebra mais o gelo com a enxada, e lança-se á agua para salvar as creanças, o que felizmente consegue, depois de muitos esforços.

Quando deitava inanimados sobre a relva os pequenitos, chegava o visconde que, tendo dado pelo desaparecimento de Carlos e Alfredo, vinha procurar-os para os castigar. Vendo assim os filhos e julgando que estavam mortos, o pobre pae abraçava-os, chorando e chamando-os na maior afflicção.

Finalmente, reconhecendo que as duas imprudentes creanças viviam ainda, fez logo conduzi-las ao palácio, prestando-lhes os maiores desvelos e carinhos.

No dia seguinte, Carlos e Alfredo, que eram duas robustas creanças, estavam restabelecidos do choque que tinham recebido com o banho gelado.

O pae levou-os então á capella do palácio, para darem graças ao Altissimo pelos ter salvado do grande perigo que tinham corrido por serem desobedientes; depois, reprehendendo-os severamente pelo que tinham feito, mostrou-lhes os bonitos, mas não lh'os deu, para os castigar.

Quando Alfredo e Carlos principiavam a pensar que o castigo se limitara áquella reprehensão, que deveras os tinha apouquetado, e que poderiam ir brincar, o pae obrigou-os a estarem estudando muito tempo, e por fim, não contente ainda, deu-lhes para resolver os problemas de que elles procuravam com tanta impaciencia ver-se livres.

O dia estava lindo; o frio mais moderado; era a hora em que costumavam ir á quinta; além d'isso, sentiam a natural curiosidade de ir muito cautelosos ver o sitio do desastre. E depois, havia ainda uma outra razão. Carlos e Alfredo tinham algum dinheiro, que seu pae lhes dera por vezes; reuniram os seus pouquíssimos haveres, e resolveram, em segredo, ir levar-os ao homem que tão generosamente os salvara.

O visconde ignorava o projecto d'aquella boa acção e conhecendo que o dever dos paes é castigar os filhos desobedientes, continuava a punição que lhes impozera.

Carlos e Alfredo trabalhavam, mostrando nas physionomias, ora a esperanza de encontrarem a solução dos problemas, ora o desalento de não o conseguirem.

De repente, uma viva expressão de alegria lhes animou os rostos, e exclamaram, batendo as palmas:

— Estão resolvidos os problemas! Agora temos os bonitos e podemos ir brincar!

O pae aproximou-se da mesa, e verificando ser verdade o que seus filhos diziam, foi buscar o brinquedo se deu-lh'os. Em seguida abraçou-os e disse-lhes:

— Sejam sempre estudiosos e obedientes, e lembrem-se de que sei castigar como sei recompensar.

Alfredo e Carlos abraçaram muito carinhosamente o seu bom pae, e um puchando o carro,

o outro rufando no tambor, entregaram-se á mais expansiva alegria, por se verem senhores de brinquedos tão bonitos, e poderem ir entregar ao jardineiro a recompensa que lhe destinavam.

Dirigiram-se para a quinta e foram a correr até a casinha do jardineiro, onde o encontraram de cama e muito doente. Vendo assim o pobre homem, as duas creanças ficaram tristes, e abraçaram-no muito, agradecendo o tel-os salvado; depois, foram disfarçadamente pôr o dinheiro n'uma mesa, junto do leito, sahindo logo a correr, como que envergonhados.

D'ahi a alguns passos, Carlos parou, e disse ao irmão:

— Tu és bom e eu muito mau! Reconheço que a desobediencia é um dos peores defeitos que ha. A minha podia ter-nos feito morrer, affligiu o papá e a peor consequencia que teve foi a doença d'este pobre homem, que se expôz por nossa causa.

Alfredo — Tudo o que dizes é verdade, e estimo ouvir-te fallar assim, Carlos; e accresco que podiamos estar ainda a matutar para resolver os problemas, e, por tanto, sem termos os bonitos e a liberdade de brincar.

Carlos — Prometto nunca mais desobedecer ao papá!

Abraçaram-se então os dois irmãosinhos; e logo, esquecidos dos seus pezares, se entregaram aos prazeres proprios da infancia.

O meu leitoresinho, depois de ler esta historia, não pensa por certo em desobedecer, uma unica vez que seja, a seus paes, mestres ou a quem tiver auctoridade para lhe impôr uma ordem; mas como deseja e merece, por isso mesmo que é muito bom, que seus paes lhe dêem um tambor e um carro como o do Carlos e Alfredo, entregue-se com muita vontade ao trabalho de resolver os problemas que seguem, que depois certamente o papá lhe dá um premio.

1.º — Uma espiga de trigo contém 37 grãos. Quantos grãos provém no fim de 4 annos de um só grão, suppondo que de cada grão nasce uma espiga, e que em cada anno os grãos se colheram no anno anterior?

2.º — O bronze das estatuas obtem-se fundindo 11 kilos de estanho com 100 kilos de cobre. Suppondo que o kilo de cobre vale 525 réis, e o do estanho 085 réis, qual é o preço de 1 kilo de bronze?





— Ai! Manuel, que furas a mão!
— Isso fura elle, que é creança!

HISTORIASINHA

Lucila, já sabes ler,
Tens muito boa memoria;
Para ti vou escrever
Esta pequenina historia.

Historia que, em quanto mim,
Não é primor — isso não;
Mas ella pôde, inda assim,
Servir-te como lição.

Amelia tinha um gatinho
A quem deveras queria;
Se lhe davam um bolinho
Com o *bicho* o repartia.

O *bicho* era agradecido,
Estava sempre ao pé d'ella;
— A gratidão, é sabido,
Até nos brutos é bella.

Fazia-lhe muita festa
O *bicho*, ao ver-se estimado,
E ás vezes dormia a sesta
Ao lado d'ella enroscado.

Mas á Amelia um capricho,
Uma veneta lhe dá:
Morde no rabo do *bicho*...
Vejam como ella foi má!

Com a dôr, o *bicho* afflicto,
No nariz lhe enterra a unha;
Solta Amelia um grande grito
E entra a fazer caramunha.

Acode a mãe; muito a affaga,
No collo dando-lhe abrigo,
E diz: — Merece esta paga
Quem trata mal um amigo!

Lucila, vê's n'esta historia
Que sempre grata ser deves:
— Agora, vê se a escreves
P'ra te ficar de memoria.

J. I. D'ARAÚJO.

ALEGRIAS

Alguem censurava a um hespanhol não ter
tirado vingança de uns ponta-pés que lhe haviam
applicado em certo sitio do corpo, ao, que elle
respondeu:

— Nunca me entremetto com o que se passa
atrás de mim!

Um ladrão era accusado de ter roubado um
relógio, e negava obstinadamente o crime.

— É escusado negar — diz-lhe o juiz — estão
ahi nem menos de seis testemunhas que affir-
mam ter visto praticar o roubo.

— E que vale isso? — responde o descarado.
— Se o sr. juiz tem seis pessoas que viram, eu
tenho mais de seiscentas mil que não viram!

Nêné estava fazendo bulha no gabinete do
pae, que era contiguo ao quarto da avó.

— Não faças tanta bulha, que a avósinha está
com dôres de cabeça — recommenda-lhe o pae.

— Não tem duvida, papá, a porta está fe-
chada á chave.

A um rapaz, que não tinha geito nenhum para
caçador, quizeram os amigos pregar uma peça;
mas o pae soube da brincadeira e avisou-o:

— Não te deixes embaçar; hão de pôr, a dis-
tancia conveniente, uma lebre empalhada, para
se rirem de ti, depois de lhe atirares. Não caias
n'essa, vê lá!

No dia seguinte, o rapaz foi á caça, e depois
de passar quasi todo o dia sem nada encontrar,
viu de repente, a dez passos de distancia, saltar
uma grande lebre.

— Foge á tua vontade — disse o palerma —
bem sei que estás empalhada.

Se os amigos soubessem!